

**ABPSA****IV CONGRESSO BRASILEIRO
DE PSICOLOGIA DA SAÚDE****ANAIS**

ISBN 978-85-67927-00-8



RESILIÊNCIA DE HABITANTES DO AMAZONAS E A CIDADANIA

Suely Aparecida do Nascimento Mascarenhas (Universidade Federal do Amazonas)

Juliana de Lima da Silva (Universidade Federal do Amazonas)

Gisele Cristina Resende Fernandes da Silva (Universidade de São Paulo/Ribeirão Preto e Faculdade Martha Falcão)

Cristian Martins (Universidade Federal do Amazonas)

José Luís Pais Ribeiro (Universidade do Porto - Portugal)

RESUMO

O conceito de resiliência na psicologia objetiva referir um processo psicológico dinâmico que abrange a adaptação positiva num contexto expressivamente adverso, pode ser considerada como o resultado de processos de proteção que não eliminam os riscos experimentados, mas que encorajam o indivíduo a lidar efetivamente com situações e a sair fortalecido das mesmas. Para o desenvolvimento da resiliência é primordial considerar os processos sociais (mecanismos de socialização e participação em comunidade) e intrapsíquicos (construídos através das interações entre indivíduo e meio, intersubjetividade e intrasubjetividade), além disso, há níveis de resiliência, sendo: (i) recuperar-se de traumas e adversidades, (ii) tornar-se mais flexível, fluido “leve”, consistente e coerente, (iii) crescer, desenvolver-se e fortalecer-se mesmo em ambiente de mudança e instável e (iv) antecipar-se, produzir ajustes, aproveitar e maximizar oportunidades, minimizar e evitar problemas, antecipar acontecimentos, produzir congruência, transformar a realidade. No presente trabalho realizado ao abrigo de projetos de pesquisa apoiados pelo CNPq/FAPEAM onde dentre outros propósitos, objetivou-se avaliar a resiliência de habitantes do Amazonas, pois são populações que não possuem recursos com qualidade nos serviços de saúde, educação e saneamento básico, destituídos de direitos de cidadãos. A metodologia foi a aplicação da Escala Breve de Resiliência adaptada de Portugal que possui quatro itens e é organizada em uma escala likert de 5 pontos (quase sempre a quase nunca) realizado com a participação, voluntária a anônima de n=1320 habitantes do Amazonas de diversa localidades (Manaus, Humaitá, Lábrea, Manicoré, Benjamin Constant), observando procedimentos éticos vigentes, sendo 58,3% do sexo feminino e 41,7% do



masculino, com faixa etária entre 18 e 87 anos; $M=25,28$; $DP=9,73$. Os resultados foram analisados por meio de estatística para a comparação entre médias e desvio padrão buscando os níveis de resiliência na referida escala, além da Análise de Variância (ANOVA) para compreender a significância dos resultados entre os grupos e as variáveis (itens da escala). Verificou-se que as populações se enquadram num nível de resiliência 3 (RN3), descrito como a capacidade de crescer, desenvolver-se e fortalecer-se mesmo em ambiente de mudança e instável. Também se constatou que os itens da escala obtiveram significância entre si no grupo pesquisado (Sig. 0,000). As conclusões são de que os habitantes da região possuem uma grande capacidade de acreditar que podem superar as adversidades de forma positiva (aspecto de vivência intrapsíquica), entretanto, há indicadores de que é necessário oferecer mecanismos de proteção social (aspecto de vivência em comunidade) a essa população, pois precisam desenvolver a capacidade criativa para lidar com situações inesperadas e adversas. A sociedade quando oferece educação, assistência social e os direitos do cidadão, pode fortalecer as pessoas, tornando-as mais conscientes de suas responsabilidades (deveres) e de seus direitos na convivência social e resilientes, favorecendo qualidade de vida e saúde.

Palavras-chave: Resiliência. Cidadania. Avaliação psicológica.

INTRODUÇÃO

O conceito de resiliência na psicologia objetiva referir um processo psicológico dinâmico que abrange a adaptação positiva num contexto expressivamente adverso, pode ser considerada como o resultado de processos de proteção que não eliminam os riscos experimentados, mas que encorajam o indivíduo a lidar efetivamente com situações e a sair fortalecido das mesmas. Para o desenvolvimento da resiliência é primordial considerar os processos sociais (mecanismos de socialização e participação em comunidade) e intrapsíquicos (construídos através das interrelações entre indivíduo e meio, intersubjetividade e intrasubjetividade).

Para Carmello (2008) o indivíduo de conduta resiliente caracteriza-se por apresentar um perfil que demonstre competências como: (i) saber antecipar-se e adaptar-se a situações complexas; (ii) não desistir diante de situações difíceis, mantendo a persistência e a serenidade; (iii) adaptar sua posição ou comportamento para ajustar-se a outras posições e

novas situações; (iv) Ser capaz de recuperar-se de esgotamento, exaustão e traumas; (v) manter a energia e persistência em situações de risco e/ou incerteza ou mesmo pressão e estresse constantes. O processo de resiliência assemelha-se ao de *coping* que divide o enfrentamento da situação em duas frentes: (i) *coping* focado no problema buscando atuar diretamente na situação geradora de estresse e (ii) *coping* focado na emoção visando regular o estado emocional que acompanha o estresse. Sendo *coping* entendido como o conjunto de esforços cognitivos e comportamentais utilizados pelos indivíduos no processo de lidar com demandas específicas sejam de natureza interna ou externa, que caracterizam as situações de estresse e são avaliadas como responsáveis por sobrecarregar ou exceder os recursos pessoais (Carmello, 2008; Folkman, 1984). No quadro a seguir estão os níveis de resiliência apontados por esse autor.

Níveis de resiliência (a partir de Carmello, 2008, p.54;59)

Nível	Características
Resiliência nível 1 - RN1	Recuperar-se de traumas e adversidades
Resiliência nível 2 - RN2	Tornar-se mais flexível, fluido “leve”, consistente e coerente.
Resiliência nível 3 - RN3	Crescer, desenvolver-se e fortalecer-se mesmo em ambiente de mudança e instável.
Resiliência nível 4 - RN4	Antecipar-se, produzir ajustes, aproveitar e maximizar oportunidades, minimizar e evitar problemas, antecipar acontecimentos, produzir congruência, transformar a realidade.

Por outro lado, os aspectos sociais podem ser compreendidos como as oportunidades que a sociedade e cultura propiciam aos indivíduos para o desenvolvimento da resiliência, pois as sociedades precisam ter características ou pilares promotores dessa capacidade. Para Assis, Pesce e Avanci (2006) a resiliência é a habilidade que a pessoa possui de se acomodar e reequilibrar constantemente frente às adversidades da vida e é um processo dinâmico da interação entre os processos sociais e intrapsíquicos de risco e proteção que são tecidos na cotidianidade e na vivência em comunidade.

Em relação aos estudos na América Latina há de se considerar os pilares da resiliência na perspectiva da coletividade: a auto-estima coletiva (que se traduz na atitude e sentimento de orgulho por viver em determinado local), a identidade cultural (significa a identidade construída na cultura, ela pode ser compreendida como a incorporação dos valores, costumes e folclores da cultura que é expresso pelo grupo), humor social (que é a capacidade dos grupos de encontrar comédia na tragédia, esse humor funciona como uma estratégia de tranquilização, que favorece o ajuste e a tomada de decisões após a ocorrência de eventos adversos), e, a

honestidade estatal (que é compreendida como a capacidade de manejo decente e transparente da administração e do cuidado com os órgãos e espaços públicos). Esses aspectos (pilares) contribuem para o desenvolvimento da resiliência coletiva, que no âmbito social é elemento que possibilita a vivência de situações adversas pela comunidade e não somente pelo indivíduo (Ojeda, 2005).

Também é na vivência em sociedade e comunidade que o contato humano é permeado pela cidadania. De acordo com a literatura da área, cidadania implica na consciência dos direitos, deveres, liberdades e responsabilidades por ações e omissões. Sendo que os indicadores de desenvolvimento social e humano sinalizam como condição para o seu exercício e acesso a serviços públicos essenciais e estratégicos como educação formal de qualidade, habitação, alimentação, informação, comunicação, segurança, seguridade social, saneamento básico, saúde dentre outros (Brasil, 1988).

É verdade sabida e conhecimento público do Brasil e do mundo que as populações amazônicas inclusive a brasileira situa-se num contexto de precário de acesso a bens públicos de desenvolvimento da cidadania, por isso interessa-nos conhecer em que medida as populações das comunidades do sul do estado do Amazonas – Vale do Rio Madeira apresentam resiliência para superar as adversidades e avançar na luta por seus ideais e direitos de cidadania. A partir desse diagnóstico é possível desenvolver estratégias interventivas orientadas para o fortalecimento da capacidade de resiliência dos indivíduos que imersos no grupo social também desenvolve suas especificidades.

OBJETIVOS

Objetivou-se avaliar a resiliência de habitantes do Amazonas, pois são populações que não possuem recursos com qualidade nos serviços de saúde, educação e saneamento básico, destituídos de direitos de cidadãos.

METODOLOGIA

A metodologia foi a aplicação da Escala Breve de Resiliência adaptada de Portugal que possui quatro itens e é organizada em uma escala likert de 5 pontos (quase sempre a quase nunca) realizado com a participação, voluntária e anônima de n=1320 habitantes do Amazonas

de diversas localidades (Manaus, Humaitá, Lábrea, Manicoré, Benjamin Constant), observando procedimentos éticos vigentes. Os resultados foram analisados por meio de estatística para a comparação entre médias e desvio padrão buscando os níveis de resiliência na referida escala, além da Análise de Variância (ANOVA) para compreender a significância dos resultados entre os grupos e as variáveis (itens da escala).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para o diagnóstico da resiliência nos habitantes do Vale do Rio Madeira, no sul do Amazonas foi aplicada a Escala Breve de Comportamento Resiliente Ribeiro (2010) - a Brief Resilient Coping Scale (BRCS) de Sinclair e Wallston (2003) - adaptada para o contexto de Portugal da e traduzida por Mascarenhas (2012) para o português do Brasil.

A escala foi aplicada em 1320 pessoas residentes no Amazonas (Manaus, Humaitá, Benjamin Constant, Tabatinga, Lábrea, Manicoré de contextos urbanos e rurais). Em relação aos participantes foram 58,3% do sexo feminino e 41,7% do masculino, com faixa etária entre 18 e 87 anos; $M=25,28$; $DP=9,73$.

Os resultados a seguir demonstram as médias de respostas em cada item da escala e percebe-se que a maior média se encontra no item "*Acredito que posso crescer positivamente lidando com situações difíceis*" ($M= 3,84$ e $DP= 1,27$), revelando a capacidade de acreditar na própria capacidade para a resolução de problemas e crescimento pessoal. Este comportamento de acreditar no crescimento pessoal caracteriza-se como no Nível 3 de Resiliência (RN3) descrito como a capacidade de crescer, desenvolver-se e fortalecer-se mesmo em ambiente de mudança e instável, proposto por Carmello, 2008. O indivíduo nesse nível de resiliência é capaz de ajustar-se às mudanças e não perder suas energias em busca de melhores condições.

Além, disso percebe-se que há aspectos individuais intrapsíquicos em pessoas com esse nível de resiliência, como a independência (que consiste em saber fixar limites entre si e o meio problemático de forma a manter uma distância física e emocional, sem isolar-se) e a capacidade de se relacionar (a habilidade para estabelecer intimidade com os outros, de equilíbrio afetivo nas relações interpessoais), como propuseram Mellilo, Estamatti e Cuestas (2005).



O item *“Procuro ativamente formas de substituir as perdas que encontro na vida”* (M= 3,64 e DP= 1,41) revela que os moradores do Sul do Amazonas procuram encontrar esperança diante das perdas, segundo Mellilo, Estamatti e Cuestas (2005) esse comportamento é um aspecto intrapsíquico que colabora para o desenvolvimento da resiliência, pois podem ter a introspecção (que é a capacidade de olhar para si mesmo e questionar-se e ser honesto nesse processo). Os indivíduos demonstraram saber antecipar-se e adaptar-se a situações complexas ou ajustar-se a outras posições e novas situações (Carmello, 2008).

Já o item *“Independentemente do que possa me acontecer, acredito que possa controlar minhas reações”* (M= 3,50 e DP= 1,33) revela o autocontrole diante da realidade e o humor (encontrar o cômico na tragédia, para tranquilizar-se e poder lidar com as situações) proposto por Mellilo, Estamatti e Cuestas (2005) ou como afirma Carmello (2008) os indivíduos apresentam resiliência porque são capazes não desistir diante de situações difíceis, mantendo a persistência e a serenidade e recuperação do esgotamento, de exaustão e de traumas.

A média mais baixa encontrada na escala foi em relação ao item *“Procuro formas criativas de superar as situações difíceis”* (M= 3,47 e DP= 1,35), o que demonstra que as pessoas residentes no Sul do Amazonas precisam desenvolver estratégias criativas para o enfrentamento das adversidades, esse resultado pode nos remeter que são necessárias mais ações educacionais e sociais para que as pessoas utilizem a capacidade criativa e percebam outros modos de se organizar para superar situações difíceis. Mellilo, Estamatti e Cuestas (2005) descrevem como capacidades intrapsíquicas a iniciativa (empreender-se em tarefas mais exigentes) e a criatividade (a capacidade de ordenar o caos com beleza e finalidade), mecanismos que podem ser desenvolvidos nessas comunidades.

Nas tabelas a seguir se podem ser visualizados os resultados da aplicação da Escala Breve de Comportamento Resiliente.

**Tabela 1: Estatísticos Descritivos comportamento resiliente habitantes do Amazonas, 2014.**

	N	Mínimo	Máximo	Media	Desv. típ.
1.Procuro formas criativas de superar as situações difíceis	1206	1,00	5,00	3,4677	1,35127
2.Independentemente do que possa me acontecer, acredito que possa controlar minhas reações	1206	1,00	5,00	3,5041	1,33248
3.Acredito que posso crescer positivamente lidando com situações difíceis	1205	1,00	5,00	3,8423	1,26742
4.Procuro ativamente formas de substituir as perdas que encontro na vida	1207	1,00	5,00	3,6413	1,41000
N válido (según lista)	1202				

Fonte: Base de dados projeto, LAPESAM, UFAM-CNPq, 2014.

Pelos indicadores de média e desvio padrão verificados na tabela 1, constata-se que o item 3 acredito que posso crescer positivamente lidando com situações difíceis $M=3,8423$; $DP=1,26742$ revela um estilo de resiliência positivo que caracteriza os habitantes do Amazonas como cidadãos com recursos psicológicos importantes para a luta por dias melhores.

**Tabela 2: ANOVA Comportamento resiliente habitantes do Amazonas, 2014.**

		Suma de cuadrados	Gl	Media cuadrática	F	Sig.
Procuro formas criativas de superar as situações difíceis	Inter-grupos	113,010	7	16,144	9,251	,000
	Intra-grupos	2055,858	1178	1,745		
	Total	2168,868	1185			
Independentemente do que possa me acontecer, acredito que possa controlar minhas reações	Inter-grupos	113,424	7	16,203	9,567	,000
	Intra-grupos	1995,076	1178	1,694		
	Total	2108,499	1185			
Acredito que posso crescer positivamente lidando com situações difíceis	Inter-grupos	194,603	7	27,800	19,139	,000
	Intra-grupos	1708,227	1176	1,453		
	Total	1902,830	1183			
Procuro ativamente formas de substituir as perdas que encontro na vida	Inter-grupos	211,160	7	30,166	16,468	,000
	Intra-grupos	2159,671	1179	1,832		
	Total	2370,831	1186			

Fonte: Base de dados projeto, LAPESAM, UFAM-CNPq, 2014.

Além dos aspectos referidos, podemos perceber (Tabela 2) por meio da Análise de Variância (ANOVA) que os itens da escala obtiveram significância entre si no grupo pesquisado (Sig. 0,000), isto é, para o comportamento resiliente são necessários todos os aspectos citados pelos itens da escala, porém num grau de importância maior “acreditar que posso crescer positivamente lidando com situações difíceis” ($F=19,13$) e em menor grau “Procurar formas criativas de superar as situações difíceis” ($F=9,25$).

Percebe-se que a resiliência é um comportamento que ocorre na interação bidirecional entre o social (vivência em comunidade) e o pessoal (vivência intrapsíquica) e pode ser desenvolvida e na população do Sul do Amazonas. Os resultados revelaram uma grande capacidade de acreditar que podem superar as adversidades de forma positiva (aspecto de vivência intrapsíquica), entretanto, há indicadores de que se precisa oferecer mecanismos de proteção social (aspecto de vivência em comunidade) à essa população, pois precisam desenvolver a capacidade criativa para lidar com situações inesperadas e adversas. Os aspectos sociais podem ser compreendidos como as oportunidades que a sociedade e cultura propiciam aos indivíduos para o desenvolvimento da resiliência, pois as sociedades precisam ter características ou pilares promotores dessa capacidade. Para Assis, Pesce e Avanci (2006) a resiliência é a habilidade que a pessoa possui de se acomodar e reequilibrar constantemente frente às adversidades da vida e é um processo dinâmico da interação entre os processos sociais e intrapsíquicos de risco e proteção que são tecidos na cotidianidade, e, a comunidade e sociedade fazem parte dessa vivência.

A sociedade quando oferece educação, assistência social e todos os direitos do cidadão pode fortalecer as pessoas a se tornarem mais conscientes de suas responsabilidades (deveres) e de seus direitos na convivência social e resilientes, tornando também os indivíduos cidadãos.

CONCLUSÃO/PERSPECTIVAS

Para a promoção da resiliência é necessário a construção de um sistema social que rompa e supere as barreiras instituídas pelo poder econômico e os direitos sociais que ferem diretamente a cidadania. A cidadania implica na consciência dos direitos, deveres, liberdades e responsabilidades por ações e omissões. Sendo que os indicadores de desenvolvimento social e humano sinalizam como condição para o seu exercício e acesso a serviços públicos essenciais e estratégicos como educação formal de qualidade, habitação, alimentação, informação, comunicação, segurança, seguridade social, saneamento básico, saúde dentre outros (Brasil, 1988).

É verdade sabida e conhecimento público do Brasil e do mundo que as populações amazônicas inclusive a brasileira situa-se num contexto de precário de acesso a bens públicos de desenvolvimento da cidadania, por isso, o modelo social e econômico atual consegue

promover o sentimento de inferioridade, a violência e o fracasso ao pautar-se em princípios de competitividade de uma sociedade econômica que valoriza o consumismo (o ter) a partir de um modelo capitalista e as pessoas precisam desenvolver a resiliência para viverem nesses sistemas.

Partindo-se do pressuposto de que a promoção da resiliência pode ocorrer, acredita-se que os pilares da resiliência no sistema coletivo (compreendendo-se a comunidade local como um sistema menor vinculado a outro sistema maior: a sociedade brasileira): autoestima coletiva, identidade cultural, humor social e honestidade estatal como apontou Ojeda (2005) contribuam para que a comunidade se torne um espaço de ações resilientes, uma vez que esses pilares podem embasar a ação educativa.

A ação educativa para a resiliência pode estar presente no currículo escolar (quando é promovida a ação coletiva, a consciência das próprias capacidades e a criatividade), quando há incentivo para a participação popular nas associações de moradores de bairros, nos conselhos municipais de saúde, educação e nos órgãos reguladores do poder executivo municipal e estadual promovendo também a cidadania. A promoção da resiliência está presente em programas sociais e educacionais que tenham como pressupostos o favorecimento da solidariedade, da coletividade, e, sobretudo a formação humana, o Ser. Essas ações podem objetivar o desenvolvimento de competências pessoais [autoestima, autonomia, criatividade, senso de humor, introspecção, capacidade de se relacionar com os outros e independência, como defende Mellilo, Estamatti e Cuestas (2005)] e desenvolvimento de altos níveis de resiliência como proposto por Carmello (2008), pois a ação educativa ocorre nessa dinamicidade e no movimento entre fatores internos e externos.

Utilizando-se o conceito de resiliência e associando-o aos estudos na área da psicologia/sociologia/educação pode-se corroborar para a implementação de políticas públicas que visem à promoção da saúde e do bem estar biopsicossocial, pois em situações de adversidades as pessoas precisam ter um ambiente ou um programa de proteção para o enfrentamento de adversidades e para a superação de situações de risco de formas saudáveis, pois "... o ser humano é influenciado pelas adversidades, também o é pelas situações boas e generosas da vida." (Assis & cols., 2006, p. 59).

REFERÊNCIAS

- Assis, S. G.; Pesce, R. P. & Avanci, J. Q. (2006). *Resiliência: enfatizando a proteção dos adolescentes*. Porto Alegre: Artmed.
- Garmezy, N. (1996). Reflections and commentary on risk, resilience, and development. In: Haggerty, R. J.; Sherrod, L. R.; Garmezy, N.; Rutter, M. (Editors). *Stress, risk and resilience in children and adolescents: processes, mechanisms and interventions*. Cambridge University Press p.1-18.
- Carmello, E. (2008). *Resiliência: a transformação como ferramenta para construir empresas de valor*. São Paulo: Editora Gente.
- Folkman, S. (1984). Personal control and stress and coping processes: A theoretical analysis. *Journal of Personality and Social Psychology*, 46(4), 839-852.
- Grotberg, E. H. (2005). Introdução: novas tendências em resiliência. In: Melillo, A.; Ojeda, E. N. S. & Cols. (2005). *Resiliência descobrindo as próprias fortalezas*. Porto Alegre: Artmed, p.15-22.
- Infante, F. (2005). A resiliência como processo: uma revisão da literatura recente. In: Melillo, A.; Ojeda, E. N. S. & Cols. (2005). *Resiliência descobrindo as próprias fortalezas*. Porto Alegre: Artmed, p. 23-38.
- Melillo, A.; Estamatti, M.; Cuestas, A. (2005). Alguns fundamentos psicológicos do conceito de resiliência. In: Melillo, A.; Ojeda, E. N. S. & Cols. (2005). *Resiliência descobrindo as próprias fortalezas*. Porto Alegre: Artmed, p.59-72.
- Ojeda, E. N. S. (2005). Uma concepção latino-americana: a resiliência comunitária. In: Melillo, A.; Ojeda, E. N. S. & Cols. (2005). *Resiliência descobrindo as próprias fortalezas*. Porto Alegre: Artmed, p.47-57.
- Polonia, A.C.; Dessen, M. A. & Silva, N. L. P. (2005). O modelo bioecológico de Bronfenbrenner: contribuições para o desenvolvimento humano. In: Dessen, M. A. & Costa Júnior, A. L. (2005). *A ciência do desenvolvimento humano: tendências atuais*. Porto Alegre: Artmed, p.71- 89.
- Yunes, M. A. M. & Szymanski, H. (2000). Resiliência: noção, conceitos afins e considerações críticas. In: Tavares, J. (Org.) (2000). *Resiliência e Educação*. São Paulo: Cortez Editora, p.13-42.